

UNIACADEMIA – CENTRO UNIVERSITÁRIO  
THIAGO EXPEDITO DE RESENDE GOMES

**A MODERNIDADE LÍQUIDA SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN E SUAS IMPLICAÇÕES  
NO CONHECIMENTO**

Juiz de Fora  
2020

THIAGO EXPEDITO DE RESENDE GOMES

**A MODERNIDADE LÍQUIDA SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN E SUAS IMPLICAÇÕES  
NO CONHECIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Centro Universitário Uni  
Academia como requisito parcial para a  
obtenção do título de licenciatura em  
Filosofia.

Orientador: Prof. Ms. Pe. Laureandro  
Lima da Silva

Juiz de Fora

2020

GOMES, Thiago Expedito de Resende. **A modernidade líquida segundo Zygmunt Bauman e suas implicações no conhecimento**. Trabalho de conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Uni Academia em Juiz de Fora, apresentado no 2º semestre de 2020.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Ms. Pe. Laureandro Lima da Silva - UNIACADEMIA  
Orientador

---

Prof. Ms. Emílio Cunha Amorin – UNIACADEMIA  
Leitor

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mabel Salgado Pereira – UNIACADEMIA  
Presidente da Banca

Aos meus pais Dineia Rodrigues de Resende Gomes, Lucas de Melo Gomes (*in memoriam*) e a meu irmão e sua esposa Philipe Enoch de Resende Gomes, G ssica Aline Tavares.

Se queres colher em um ano, debes plantar cereais. Se queres colher em uma década, debes plantar árvores, mas, se queres colher a vida inteira, debes educar e capacitar o ser humano.  
Kavawantsu.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo sopro da vida lá no seio materno, quando minha mãe, Dineia Rodrigues de Resende Gomes, me concebeu, por meio da comunhão de vida e amor com meu pai, Lucas de Melo Gomes (*in memoriam*); ao meu irmão Philippe Enoch de Resende Gomes; à minha heroína, vó Hercília Pereira de Resende. Aos que participaram da minha educação primária, deixando em mim marcas de honra e dedicação; em memória agradecida a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para eu ser a pessoa que hoje me tornei.

Agradeço ao querido mestre e prof. Dr. Pe. Antônio Carlos Trindade pela profícua e frutuosa orientação, mesmo diante dos percalços que impediram de juntos concluirmos este projeto. Ao prof. Ms. Pe. Laureandro, que assumiu a minha orientação no meio do trabalho, pela prontidão, pelas partilhas frutuosas, atentas pontuações através de encontros, mesmo que remotos. Aproveito o ensejo e estendo meu agradecimento aos professores que participarão desta banca examinadora deste trabalho monográfico.

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Ms. Regina Praxedes de Meirelles, coordenadora incansável e professora do Curso de Filosofia da UniAcademia – Centro Universitário. Estendo meu agradecimento a todo o corpo institucional desta renomada Faculdade; ao Seminário Arquidiocesano Santo Antônio, que me proporcionou um ambiente favorável para os estudos filosóficos; a todos os colaboradores, que zelam com amor e carinho pelo espaço acadêmico; às pessoas com as quais convivi no decorrer dos estudos filosóficos; aos companheiros de turma, pela riquíssima partilha e convivência fraterna; Aos professores Pe. Rômulo Gomes, Emílio Cunha Amorin, Robione Antônio Landim, Paulo Ferreira Bonfatti, Mabel Salgado, que incansavelmente nos possibilitaram acesso aos estudos filosóficos.

Meu agradecimento à Congregação do Santíssimo Redentor, província do Rio, por me ter possibilitado cursar uma graduação, por tudo que investiu em mim em termos de estrutura, de custeio e de formação humano-cristã. Assim o faço na pessoa do meu formador, Pe. José Maurício de Araújo, C.SS.R.; estendendo também meus agradecimentos aos colegas de caminhada formativa, durante minha estada na Comunidade Vocacional São Clemente, em Juiz de Fora, MG.

## RESUMO

GOMES, Thiago Expedito de Resende. **A modernidade líquida segundo Zygmunt Bauman e suas implicações no conhecimento.** f 38. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Filosofia). Uni Academia. Juiz de Fora, 2020.

O objetivo da presente pesquisa é apresentar a temática das implicações da liquidez presente no conhecimento, a partir da obra Modernidade Líquida de Zygmunt Bauman, uma metáfora que nosso autor utiliza para caracterizar a contemporaneidade. Esta obra parte do princípio de que o contexto no qual estamos inseridos se caracteriza pela fluidez, efemeridade, nada é feito para durar, tudo é flexível e volátil. Este é o termo que o nosso sociólogo adota para caracterizar o que seria a pós-modernidade, já que para ele a modernidade, foi caracterizada como modernidade sólida, conceito que ele aborda através de Marx e Engels. Seus conceitos definem a sociedade, a educação, e nos interrogam: como obter um conhecimento sólido nesta liquidez em que nada é feito para durar, tudo está em constante mudança? Através deste conceito ele aborda que as coisas eram duráveis, o trabalho, o conhecimento, as relações e a aprendizagem, eram para toda a vida. Já a virada da modernidade para a pós-modernidade ele a define como modernidade líquida, ou seja, tudo está derretendo, nada é feito para durar. Há uma fragmentação do ser, as relações, o trabalho, as estruturas sociais e a aprendizagem são para o agora. O conhecimento transforma-se muito rápido: informações que hoje recebemos amanhã às esquecemos. Em suma, o desafio é unir o útil ao agradável, ou seja, segundo o pensamento de Bauman, como fazer com que as tecnologias eletrônicas – dispositivos tão presentes na sociedade hodierna (não as temos como negar e nem como não as utilizar) – favoreçam a aquisição do conhecimento e deem o seu contributo para a educação. A pesquisa da obra de Bauman contribui para um despertar de uma leitura crítica, estas, vistas através da experiência de estágio, e que a Filosofia muito tem a contribuir.

**Palavras chave:** Zygmunt Bauman. Modernidade líquida. Conhecimento líquido

## **ABSTRACT**

The aim of this research is to discuss the theme of liquidity implication found in knowledge, based on the work *Liquid Modernity*, by Zygmunt Bauman, a metaphor that the author uses to characterise contemporaneity. This work believes that the context in which we are all inserted is characterised by fluidity, it's ephemeral, nothing is made to last, everything is flexible and volatile. This is the term that our sociologist adopts to describe what post-modernity would be like, since for him modernity was characterised as solid modernity, a concept that he uses through the works of Marx and Engels. Their concepts define society, the education, and asks us how can we acquire knowledge which is solid in this liquidity when nothing is made to last, everything is constantly changing? Through this concept he describes that things which were once durable, work, knowledge, relationships and learning were forever. From modernity to post-modernity he defines it as liquid modernity, that is, everything is melting, nothing is made to last. There is a fragmentation of the being, the relationships, work, and the social structures and learning is for the present moment. Knowledge changes very quickly: Information that we get today, we forget tomorrow. In brief, the challenge is to combine the useful and the pleasant, that is, according to Bauman, how can electronic technologies – gadgets so present in our society (there is no way of denying them or not using them) - help the acquisition of knowledge and contribute to education? Baumann's work contributed to a more critical reading, from the experience of apprenticeship and that there is a great deal that Philosophy can contribute.

Keywords Zygmunt Bauman. Liquid modernity. Liquid knowledge.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO: A MODERNIDADE E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....</b>	<b>11</b>
2.1 O CONCEITO DE MODERNIDADE SÓLIDA .....	16
2.2 O CONCEITO DE MODERNIDADE LÍQUIDA .....	18
<b>3 PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS DO CONHECIMENTO .....</b>	<b>25</b>
3.1 A SEDUTORA LEVEZA DO SER: QUEM É O SER HUMANO MODERNO?.....	29
3.2 O CONHECIMENTO NA MODERNIDADE LÍQUIDA.....	32
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Precisamos da educação ao longo da vida para termos escolha. Mas precisamos dela ainda mais para preservar as condições que tornam essa escolha possível e a colocam a nosso alcance.  
Zygmunt Bauman

Para início de conversa, é sabido que estamos inseridos num mundo líquido, fluido, onde tudo muda muito rápido. Também são notórias as modificações acerca do conhecimento e as transformações do seu próprio significado. Não temos dúvida do quanto à tecnologia contribui para o bem da sociedade. Entretanto, é uma via de mão dupla: o conhecimento que adquirimos se dissolve em um curto espaço de tempo; somos bombardeados por inúmeras informações que se caducam rapidamente. Não conseguimos retê-las, porque são passageiras. Com isso, não nos aperfeiçoamos no conhecimento e acabamos por conduzi-lo de acordo com nossa existência, sem um quê mais profundo. Temos acesso a ele por diversas maneiras e pelos meios através dos quais chegam até nós (por jornais, sites, meios de comunicação social etc.). Todavia, sua absorção é ínfima: esquecemos tudo muito rápido.

Ao contrário do que explanamos anteriormente, e apoiados no pensamento de Zygmunt Bauman<sup>1</sup>, este caracteriza a educação moderna como sólida, diferentemente da metodologia aplicada na atual hodiernidade. Lá (na modernidade) o aprendizado era por toda uma vida; aqui (na atualidade) é fragmentado. Estamos sedentos de sabedoria, entretanto, abarrotados de informações imediatas. Nossa cultura é imediatista, do agora, objetivista; não suporta as densas pesquisas que exigem de nós tempo e paciência.

---

<sup>1</sup> Escolhemos como base para o nosso trabalho monográfico o pensamento de Zygmunt Bauman. Zygmunt Bauman nasceu na Polônia no dia 19 de novembro, filho de pais judeus polacos. Em 1939 emigra, junto com a família, para o norte da URSS, momento em que, na Europa, se expandia o nazismo, a xenofobia e a pobreza. Aos 18 anos de idade, alista-se voluntariamente no exército polaco recém-criado na URSS. Em 1953 nos anos após a II Guerra Mundial, Bauman conquista muito rapidamente postos importantes no interior do Exército, tornando-se um dos mais jovens majores do Exército polonês. É nesse período que ele se torna membro do Partido Comunista Polonês. Inicia os estudos na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade de Varsóvia. Tornou-se o mais novo conferencista da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade de Varsóvia. Onde também defende sua tese de Doutorado. Em 1956, Bauman chega à *London Schols of Economy* para um pós-doutorado. Assume a cadeira de Sociologia das Relações Políticas na Universidade de Varsóvia no ano de 1961, até ocupar, em meados desta época, a cadeira de Sociologia Geral da mesma instituição. Autor de várias obras, a que mais o conclamou foi sem sombra de dúvidas sua obra *Liquid modernity* (ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2009, p. 91).

Como base para o desenvolvimento deste trabalho monográfico, escolhemos duas obras de Bauman – **Modernidade Líquida (2001)** e **Bauman & a educação (2009)** – as quais tratam de temas relevantes, respectivamente, do conceito de modernidade sólida e líquida e de uma análise do ensino inserido no contexto dos tempos líquidos modernos. E para tal, optaremos por um caminho metodológico no que concerne à ordem dos termos da modernidade trabalhados por Bauman: modernidade sólida e modernidade líquida.

Em geral, num primeiro momento (primeiro capítulo), apresentaremos o conceito de modernidade; o porquê do termo, como surgiu e suas influências. Apenas situaremos contextualmente o conceito de modernidade, para mais bem entendermos os conceitos de “modernidade líquida” e do “conhecimento”. Nesse primeiro capítulo abordaremos dois tópicos: a) no primeiro, discorreremos sobre a modernidade sólida<sup>2</sup>; b) no segundo, sobre a modernidade líquida<sup>3</sup>.

Num segundo momento (segundo e último capítulo), explanaremos os pressupostos filosóficos do conhecimento, caracterizaremos em um primeiro tópico quem é o homem moderno. Para isso, abordaremos como o conhecimento se dá na modernidade líquida e quais suas implicações na educação, e, por fim, discorreremos numa perspectiva baumaniana, sobre a educação líquida, sua importância e sua aplicabilidade em nosso país.

---

<sup>2</sup> Termo utilizado pelo nosso autor enquanto releitura dos pensamentos de Engels e Marx.

<sup>3</sup> Termo utilizado por Bauman para retratar a sociedade dos tempos hodiernos, cada vez mais fluida.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO: A MODERNIDADE E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.

Pode-se associar o começo da era moderna a várias facetas práticas humanas em mudança, sua subordinação à inventividade e à capacidade técnica humana. Zygmunt Bauman

À luz do pensamento de Bauman e seus conceitos, este trabalho versa sobre a modernidade líquida, levando em consideração o pensamento moderno, suas raízes, problemáticas e implicações que o envolvem. Nesta perspectiva, a modernidade está relacionada ao conceito de ordem. E, segundo Felipe Quintão, Ivan Marcelo Gomes e Valter Bracht,

podemos dizer, a partir de Bauman (1999a), que a existência é moderna na medida em que contem a alternativa da ordem e do caos, ao passo em que é guiada pela premência de classificar e projetar racionalmente o que de outra forma não estaria lá: de projetar a si mesma, eliminando todo e qualquer tipo de desordem ou imprevisto. A isto podemos chamar de impulso modernizador: limpar o lugar em vista do novo e do melhor (ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2009, p. 16).

A leitura da modernidade em Bauman pode ser caracterizada por uma nova interpretação da ordenação racional do mundo em detrimento da concepção racional medieval. A ordenação racional moderna visa eliminar toda e qualquer desordem do modo medieval de valorar capaz de impedir a construção da ideia do novo e do melhor. Segundo Bauman, “a história do tempo começou com a modernidade”, ou seja, começou no sentido da busca de uma ordem. Para compreender isso, é preciso entender a premissa de uma modernidade sólida, que mantém a ordem, e a premissa de uma modernidade líquida, na qual essa ordem se desfaz.

O nosso sociólogo polonês intui que a modernidade nasce sob os ares de uma aceleração, a qual pode estar relacionada com o processo de entendimento de espaço e tempo. É uma conquista da racionalidade. Na verdade, a vitória trouxe o advento de máquinas mais velozes e um encurtamento do tempo; uma produção em grande escala em um curto tempo. Nessa corrida, o movimento era o único meio de ampliar o espaço do seu objetivo; o espaço era o valor; o tempo, a ferramenta (Bauman, 2009, p. 143). É precioso preencher o espaço tido e não há possibilidade para o ócio, como diz o autor, ser “improdutivo”. Se antes o foco do tempo era a produção, as viagens, agora sua velocidade e sua aceleração possuem uma maior valorização. Nosso autor reformula o famoso *cogito* cartesiano, sem distorcer seu sentido: “ocupo espaço, logo existo” (Bauman, 2009, p. 144). N’outras palavras, para

que a existência seja valorada é preciso que ela ocupe espaço. Em hipótese alguma não se pode deixar o tempo passar: é preciso acompanhá-lo.

A definição de modernidade está ligada a nova valorização da antiguidade clássica, ou seja, uma retomada da burguesia ao período clássico como forma de transposição da dominação religiosa e do rompimento com o mundo Medieval e seus modos de valoração. Portanto, é uma retomada à idade clássica, em vista da concretude de um desenvolvimento mais qualitativo.

Diferentemente dos povos feudos, habitantes dos campos, os burgueses, por sua vez, habitavam os ambientes urbanos. Estes eram de uma cultura que valorizava as ideias, que olhavam para o passado, principalmente para Grécia, e viam uma valorização do homem, diferentemente do que acontecia no mundo em que estavam inseridos os feudos (estes, presos a costumes religiosos). Por isso, estava em desenvolvimento uma sociedade de burgueses e feudos, que se encontrava em uma baixa idade média, nem muito antiga e nem nova.

Neste contexto surge o Renascimento, um novo nascimento da civilização europeia, um novo modo de valorização como tentativa de superar os mandatos religiosos arcaicos. Teixeira confirma-nos isto em sua obra, o vocábulo moderno, dentro do qual se inscreve o termo modernidade, que nasce com a tarda latimidade, *hodiernus*, e derivado de modo pertinente ao hoje, ou seja, à atualidade (TEIXEIRA, 2005, p. 10).

No espírito de renascimento de uma nova civilização europeia, vários foram os campos da cultura que sofreram provocações e alterações, cujo objetivo era superar uma mentalidade medieval. A Filosofia contribuiu significativamente na concretização do que conhecemos por modernidade, na desenvoltura das problemáticas surgidas na época.

A ideia de um Renascimento como uma realidade moderna surge relacionada com um sentimento muito positivo, uma rejeição aos valores feudais e ao predomínio da igreja. E a rejeição ao predomínio da igreja faz com que a Filosofia alcance o ápice de toda sua história, uma vez que o pensamento filosófico, especificamente com Descartes, atrela-se ao pensamento científico revolucionário, à ciência copernicana, especialmente.

A Filosofia agora nasce de um novo método: aparece a ideia subjetividade humana. O pensamento científico busca suas razões embasadas na Filosofia, assim como esta busca conceder fundamento àquele. Ao conceber um mundo

matematizado, quantificado, Descartes também realiza uma “revolução copernicana na filosofia”, que marcará indelevelmente a história do conhecimento: não é mais o sujeito que gravita em torno do objeto, porém este que gravita em torno daquele. O novo ponto de partida é o sujeito pensante, uma consciência crítica, libertando-se de um passado de pensamento escravocrata e se apropriando de “uma nova e racional verdade”

a modernidade pode ser entendida como uma contínua e progressiva conquista de uma consciência crítica que o espírito humano alcança no dever-se liberar da escravidão do passado para abrir-se à descoberta de uma nova e racional verdade (TEIXERA, 2005, p. 13).

Com a releitura Baumaniana do *cogito* cartesiano – “ocupo espaço, logo existo” –, ele analisa o ser perante a modernidade que o rege. Esta apresenta a construção de um “novo axioma como resposta a um desafio” (TEIXERA, 2005, p. 14), a busca de solução para um cenário cósmico-antropológico em crise. Ela criou um novo sistema de valores, um ideário que surge em um contexto histórico de grande importância para o ser humano, um encadeamento sociocultural de grandes revoluções científicas e políticas delimitadoras do *corpus hodiernus*.

Assim temos que,

junto com a expressão de idade moderna ou nova, nasce também o conceito de revolução, progresso, emancipação, desenvolvimento, crise, espírito do tempo. A modernidade não pode nem quer mudar os próprios critérios de orientação de modelos de uma outra época, mas busca atingir sua própria norma por si mesma. Os três grandes eventos do século XVI, como a descoberta do mundo novo, o Renascimento e a Reforma, constituem-se como um momento preliminar da descoberta do *proprium* da modernidade, porque estes eventos instauram uma crise (TEIXERA, 2005, p. 12).

A revolução industrial, que foi um processo de grande avanço tecnológico, marcou o desenvolvimento da indústria moderna com as máquinas a vapor. Se antes tínhamos o trabalho de processo manual, na modernidade há uma conversão para o processo industrial, o que ocasiona uma proletarização do trabalho. O desenvolvimento da indústria moderna e a consolidação da classe da burguesia responsável por grandes alterações no processo produtivo de mercadorias e nas relações trabalhistas consubstanciarão o surgimento do sistema capitalista de oferta e demanda. Soma-se-lhe também a revolução francesa, que nasce de um contexto de profunda crise socioeconômica e dá um novo sentido à política mundial, rompendo com os antigos valores. Os burgueses rebelam-se e uma nova constituição é instaurada: a república jacobina. Entretanto, as crises não se abstêm.

Elas causam a consolidação de um sistema republicano, com a participação popular, que culminou na tríade: *Liberté, Égalité, Fraternité*.

O renascimento cultural é a chave mestra da modernidade. Ele despreza o conhecimento aristotélico retomado pela escolástica medieval, cujas ideias de Tomás de Aquino formavam a principal teoria da igreja depois de um tempo. Não concordar com esta retomada aristotélica é romper com a tradição anterior. Por exemplo: ao ter a hipótese de que a Terra está em movimento, o renascimento causou um impacto muito grande, maior até do que a ideia de ela não ser o centro do universo, porque esta hipótese vai na contramão da física aristotélica e era demonstrada pela matemática e pela arte, numa linguagem universal, contudo, não mais religiosa.

No meio de todos estes acontecimentos, há um novo mundo (a descoberta da América) que rompe e muda a forma do ser humano pensar, principalmente acerca da afirmativa de um eurocentrismo. Há outros mundos que não é a Europa!

No século XVII, a revolução científica consolida a visão renascentista e revela novas doutrinas, não só no campo das pesquisas científicas mas também no campo religioso, com as diversas reformas que descentralizaram o domínio do catolicismo. Estes movimentos reformistas são representados pelo Calvinismo, Anglicanismo, Luteranismo. A revolução científica vai ser o ponto culminante desse processo e as reformas religiosas vão ajudar o ser humano a se livrar do monopólio da fé e também ter acesso a novas ideias. O renascimento é o próprio humanismo, a valorização do ser humano, do corpo: é a medida de todas as coisas.

Todos esses contextos ocorridos tornam-se o prelúdio da modernidade, um período histórico que teve uma identidade própria: o ser humano passa a ser o centro do universo! O humanismo renascentista valoriza-o acima de tudo; o renascimento<sup>4</sup> e a modernidade colocá-lo-ão como ser divino.

A modernidade representa um movimento de mudança cultural, social, científica, a necessidade de um renascimento. A questão é: fazer renascer o quê? Justamente fazer renascer os valores greco-romanos, a importância que o ser humano tinha na antiguidade clássica e que foi enfraquecida na Idade Média. Assim, flagramos um processo histórico-filosófico de transição do período medieval para o moderno.

---

<sup>4</sup> O Renascentismo nasce em Florença na Itália em meados do século XIV e o fim do século XVI é um investimento na arte.

Pensando na modernidade, como dito anteriormente, Descartes é o seu grande expoente. Ele rompe com as tradições e desenvolve sua escrita no auge da revolução científica; ele tem a preocupação de desenvolver um método e é conhecido como o fundador da filosofia moderna. Seu método é o de questionar a própria razão humana, ou seja, ele começa a questionar que o que conhecemos instaura a dúvida hiperbólica!

Na medida em que a Filosofia moderna passa a valorizar o ser humano, este passa a valorizar aquela. Com isso, a criação da máquina de prensa de grande escala, dando início a impressões de livros e a criação da imprensa, incita o hábito de leitura, a alfabetização de grande parte da população que estava curiosa com o surgimento do pensamento moderno e por parte de intelectuais, uma grande busca pela ciência, pelo conhecimento.

As correntes pensantes consolidaram o modo de pensar moderno, tais como: o racionalismo surgido com Descartes fundamenta a racionalidade pura; o empirismo, defensor do conhecimento adquirido através da experiência humana com o mundo, tem preponentes os filósofos Hume e Locke. Equitativamente, a teoria contratualista defendida por Hobbes e Locke justifica-se por um contrato social constituinte da sociedade, das cidades baseadas em governos. Os iluministas, com a consolidação da Filosofia moderna pelo princípio da liberdade humana, das ideias de direitos para a liberdade, fazem com que, mais tarde, estas transformações desencadeiem e instaurarem o capitalismo.

De fato, talvez a modernidade seja mais que qualquer outra coisa, a história do tempo: a modernidade é o tempo em que a duração tem uma história (BAUMAN, 2001, p. 140). O tempo na modernidade é que importa. Se antes não era valorado, agora ele é a ascensão, o ápice transfigurado com os valentes cavaleiros da razão (termo que o nosso autor aborda para dizer dos filósofos). Agora, o destaque da vez é a velocidade, o que dará uma precisão pelos cálculos numéricos desenvolvidos.

Levando em consideração o que foi dito até agora, discorramos sobre a concepção baumaniana de uma transição entre a modernidade sólida e a líquida. Como a problemática do conhecimento foi afetada nesta transição? Em que modernidade nos encontramos? Como hoje se dá o conhecimento no novo espaço?



## 2.1 O CONCEITO DE MODERNIDADE SÓLIDA

O conceito de modernidade sólida insere-se na crença da transformação do mundo através da ciência e da racionalidade, a modernidade que atinge a sua maturidade no séc. XIX. Os intelectuais da época acreditavam possuir a fórmula para explicação de todas as coisas na sociedade. O termo modernidade sólida, do nosso autor, segue a famosa frase de Marx e Engels “derreter os sólidos” na obra **Manifesto Comunista**. Este “derreter os sólidos”, não seria uma forma de eliminar os sólidos e livrar-se deles definitivamente, antes, um aperfeiçoamento destes sólidos, substituir os sólidos de certa maneira que não faziam mais sentido. Bauman caracteriza a modernidade sólida como um inventar de uma solidez duradora, Diz-nos:

os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável (Bauman, 2001, p. 10).

A modernidade sólida é ordenada, racional, previsível e relativamente estável, cujas atividades e instituições são organizadas burocraticamente. E a burocracia é uma forma eficiente de organizar as ações e interações de um elevado número de pessoas. Seu ponto positivo é que ela é altamente eficiente em cumprir as tarefas organizadas por metas; já o negativo é que ela pode desumanizar a vida humana, tornando-a vazia de espontaneidade e criatividade. Seus exemplos clássicos: os campos de concentração nazista, na Alemanha e na Polônia. Portanto, estes são de uma natureza altamente técnica, planejada e racionalizada.

A modernidade sólida desenvolve um elevado nível de equilíbrio nas estruturas sociais, através do qual as pessoas vivem por um conjunto de normas, de tradições e instituições estáveis. Tal modernidade promove equilíbrios que, de certa forma, dão estabilidade à sociedade, ordenando a maneira que as vidas dos indivíduos estejam em um condicionamento rítmico, contínuo e estável: sem modificações bruscas.

Ao caracterizar como sólida certa altura da modernidade, Bauman não nega a existência de mudanças expressadas na economia, na sociedade e na política. Entretanto, destaca que elas se dão de formas ordenadas e previsíveis, por exemplo: a questão do emprego na modernidade sólida existe por meio da

estabilidade exercida pelo empregado e por seu local de trabalho. Ao citar Henry Ford, Bauman

lembra que a grande visão desse famoso empresário foi insistir na sólida e duradoura união entre capital e trabalho. A dependência mútua entre patrões e empregados, além de promover um enraizamento do local de produção, pressupunha que a mudança de endereço (quebra da rotina ou da sólida relação) não era atraente para nenhuma das partes (ALMEIDA; GOMES; BRACHT; 2009, p. 34).

As pessoas ficavam nas mesmas áreas geográficas e permaneciam com a mesma vizinhança; os filhos permaneciam na mesma escola durante toda sua formação. Não havia uma rotatividade como existe em um mundo mais flexível. Entretanto, o avanço da ciência e da técnica não coíbiu redescobrir outros mundos, outrora obscurecidos por um modo medieval de ser e valorar. Exemplos: os avanços feitos no mundo natural das relações sociais, no mundo político (o capitalismo), na área do bem estar (destacado pelo consumismo e estabelecido como princípio fundante de acesso à felicidade).

Enfim, mesmo numa sociedade como um todo constituída sob o prisma da modernidade sólida, as estruturas sociais e as ideias são desprovidas de uma certa rigidez e inflexibilidade. “*A rigidez da ordem é o artefato e o sedimento da liberdade dos agentes humanos*”, afirma Bauman, a qual resulta em “soltar o freio” da desregulamentação, da liberalização (Bauman, 2001, p. 12, *grifo do autor*). Isto nos dá a entender que a rigidez da ordem veio através da quebra das algemas que limitavam a liberdade de escolher e agir.

Posto o panorama geral característico e elucidativo do conceito de modernidade sólida, analisaremos como se dá mais especificamente a relação do Estado com o indivíduo abordada metaforicamente segundo o nosso sociólogo.

Na relação entre o Estado e o indivíduo, podemos dizer que aquele tem certos ideais de desenvolvimento político, social e econômico, enquanto este tem uma espécie de senso unificado e racional estável em relação a ambos. Isso é construído através da etnia, da religião, do estilo de vida, da busca do prazer e assim por diante. A vida dos indivíduos na modernidade sólida era burocraticamente organizada, estável e previsível. Nela, a relação entre Estado e indivíduo é como uma relação de Jardineiro, segundo nosso autor. Ao usar esta metáfora para caracterizar a relação entre os dois, ele diz que o estado jardineiro transformou a cultura moderna num imenso *canteiro de jardim* à espera de cultivo e proteção (ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2009, p. 22).

Na visão de Bauman, é preciso de todo um preparo para cultivar a terra, um cuidado: primeiramente o solo é preparado, revitalizado; depois, para efetuar o plantio é preciso adubá-lo, oferecer-lhe nutrientes para que este jardim possa receber as plantas. Ao oferecer-lhe todo o tipo de cuidado, é necessário também cuidar das pragas, das ervas daninhas. Este era o papel do Estado-jardineiro, cuja metáfora utilizada objetiva compreender a relação entre ambos como que uma relação de segurança, ou seja, o indivíduo é dependente da segurança que lhe é oferecida.

Ao caracterizarmos qualitativamente o conceito de modernidade sólida, ressaltamos que a grande percepção baumaniana está no fato de ter intuído a transição sofrida pela modernidade sólida. Esta transição a levou a uma mudança tão radical, a ponto de ser liquefeita. Assim sendo, o nosso autor utiliza a “transição” para caracterizar o que muitos autores denominam de pós-modernidade.

Posto isto, faremos a passagem da modernidade sólida para a líquida com base em cinco critérios importantes, para melhor compreendermos como Bauman a caracteriza. Ei-los: a ascensão do capitalismo globalizado; a insegurança popular em relação a sua posição social (sentido de que os ricos querem ficar cada vez mais ricos e os pobres, sem condições, ficam cada vez mais pobres); o advento das tecnologias eletrônicas e a internet; a desorganização dos governos nacionais; finalmente, o enorme crescimento das migrações humanas pelo mundo.

## 2.2 O CONCEITO DE MODERNIDADE LÍQUIDA

Bauman define a modernidade como pesada, quer dizer, sólida, ou também da era do hardware, da racionalidade. Na visão do nosso autor, as grandes indústrias, o maquinário pesado e as relações sólidas representam a era da racionalidade. Esta teve o seu ápice de decadência no advento do capitalismo software, da modernidade leve, da fluidez. Para ele, a modernidade da liquidez vem para derreter todo o sólido do trabalho, das relações e instituições. A obra de Bauman deixa claro que não há, necessariamente, um marco que determina o fim da fase sólida e, em seguida, o início da fase líquida da modernidade. O que caracteriza o modo de vida moderno é a vontade de estar sempre à frente de si, sempre em busca do novo e do melhor.

Para elaborar sua noção de modernidade líquida, Bauman utiliza o conceito de Marx e Engels. Confirmam-nos Almeida, Gomes e Bracht, quando afirmam que

é de Marx e Engels a famosa sentença segundo a qual, na modernidade, “tudo o que é sólido se desmancha no ar”. Desde seu início, a sociedade moderna se caracterizou por um trabalho de “destruição criativa”, ou “criatividade destrutiva” no sentido de limpar o lugar em nome do novo e do “melhor”[...] (ALMEIDA, GOMES, BRACHT, 2009, p. 31).

A modernidade é precisamente o grau mais alto de liquidez, porque se caracterizou por um trabalho de “destruição criativa”, ou seja, a modernidade especializa-se em derreter as estruturas e as formas de vidas recebidas, moldando-as diferentemente. A preocupação não era somente em derreter, mas de construir princípios fundantes, relações, conhecimento e estruturas sociais de longa duração. No início do projeto moderno, moveu os pioneiros da modernidade a insatisfação com a solidez dos sólidos existentes. Eles acreditavam que não era sólida a verdadeira ordem que iriam construir. O que significa uma sociedade ser verdadeiramente sólida? Que é a modernidade líquida? Por que a metáfora da liquidez?

Para Bauman, o líquido não mantém a sua forma, a não ser que seja forçado em ficar, artificialmente, por um tempo num recipiente, uma vez que se adapta a qualquer objeto. Caso contrário, derramar-se-ia, vazaria. Isto é exatamente o que é o nosso mundo como um todo: líquido. Tal é a escolha metafórica de nosso autor para descrever característica e distintivamente as sociedades em que vivemos.

A modernidade líquida refere-se ao afrouxamento das instituições, ao mesmo tempo em que o indivíduo se afrouxa constituindo uma relação mais fluída com elas. Ele acaba por representar sua influência na vida particular, na publicização da vida privada, e se vale da metáfora do líquido para se mover com facilidade e moldar a qualquer ambiente a flexibilidade que há nos líquidos, nos relacionamentos, no trabalho, no modo de como se dão tais relações em nosso tempo.

Na sociedade líquida, tanto os indivíduos (e suas relações) quanto as instituições não possuem mais a forma rígida, duradoura, como nos tempos antigos. Tudo está em constante transformação, muda rápido: nada é feito para durar. Para Bauman, a velocidade das mudanças e o caráter efêmero das relações na sociedade caracterizam justamente a modernidade líquida, sendo responsáveis pela

transformação de vários aspectos da vida moderna, tais como: o capitalismo, as cidades, a dominação, a segurança, o consumo, o trabalho e o conhecimento.

Diferentemente de antes, uma das características da modernidade líquida repousa na ausência de projeto na vida das pessoas. Numa de suas entrevistas, Bauman explica esta questão a partir da abordagem de um termo sartreano – *'Project de La Vie'*. N'outras palavras, era muito fácil alguém saber, na sua juventude, quais seriam os passos a serem dados na vida; existia-lhe um padrão estabelecido: um projeto de vida; existiam projetos vitais pré-concebidos e aceitos por todos. Antigamente era muito fácil seguir estes padrões; entretanto, hoje não se tem mais projeto de vida. Este é individual. Cada um faz o que bem quer; cada um molda sua vida a seu bel prazer, muito livre e soltamente.

Alguém sem projeto de vida é uma pessoa que não tem o que almejar, sem aspiração ao futuro, ludibriada por uma gama de opções oferecidas pela globalização (p. ex.: a internet). Estas incertezas levam-lhe à angústia. E o que facilmente irrompe os limites geográficos, propicia uma quantidade de opções: p. ex., sair de um lugar, emigrar para outros países etc..

O fato de termos tudo ao nosso alcance fez com que a angústia gerada pela vasta e fácil possibilidade de escolhas acabasse por transformar nossa vida num ciclo de movimentos extremamente rápidos. Dificilmente, conseguiremos freá-los. É como caminharmos sobre uma camada de gelo fino: quanto mais rápido os movimentos, menos chance de quebrarmos o gelo. A visão do tempo está cada vez mais pontual: cotidianamente precisamos curtir movimentos, sensações, tudo construído sob uma estrutura de hedonismo, de consumismo exacerbado, de experiências que nos façam aproveitar o tempo. Temos que viver o agora. Entretanto, por que essa necessidade “exagerada” de aproveitamento do tempo? Não estamos estabelecendo nossa existência sob a fina camada de gelo supracitada? Não estamos criando um sistema (uma espécie de ciclo vicioso) demasiadamente acelerado para assegurar nossa sobrevivência?

Ao contrário do que imaginávamos a respeito de uma publicitação íntima, nos tempos de hoje não existem padrões preestabelecidos sob um eixo central, como um Estado a ditar atos e regras. Na modernidade líquida temos um câmbio do público pelo privado, isto é, uma multiplicidade de indivíduos gerando

comportamentos, a fim de que as pessoas se lhes espelhem<sup>5</sup>. Não existe um padrão central de comportamento, de conduta: cada um escolhe o seu e convence os outros de sua ideia. Há necessidade de que minha projeção de aparência se transforme em modelo capaz de influenciar e conquistar seguidores. E os números por estes representados constituem-me enquanto pessoa de valor.

Para Bauman, muito mais que um estado criando padrões e regras, interferindo no comportamento particular, o que acontece hoje (na sua maioria) é a reaplicação de comportamentos individuais, em detrimento à supremacia do Estado. Com esta individualização, surge uma sensação de solidão irremediável. Trata-se da prevalência da individualidade, do ser único capaz de suas próprias escolhas de vida. Isto leva o ser humano à solidão, porque cada um tem seu próprio projeto; as pessoas estão sozinhas, cada qual em sua empreitada. E se na modernidade tínhamos o estado jardineiro, agora temos as ervas daninhas, que caracterizam os vagabundos, os apartados da vida de consumo. Neste sentido, apropriamo-nos da referência baumaniana ao indivíduo como de *Facto e Jure*<sup>6</sup>, segundo a qual o indivíduo de *Facto* tem escolhas contingenciadas determinantemente pelo nosso contexto social, pelas coisas existentes à nossa volta; já o indivíduo *Jure* possui uma capacidade de escolher por si próprio e tomar decisões. Estas ele o faz racionalmente sobre si, tendo a Filosofia como possibilitadora de conhecimento à pessoa.

Segundo nosso autor, a angústia do excesso de escolhas, a tendência explosiva do minimalismo<sup>7</sup> levam-nos à ideia de que precisamos fazer menos escolhas, porque o peso de fazê-las é insuportável. Mais ainda: a pessoa é totalmente responsável por suas escolhas. Então, na perspectiva da modernidade líquida, a responsabilização do indivíduo resulta numa ansiedade imensa, isto é, cada escolha pessoal é individual e de sua total responsabilidade, o que, conseqüentemente, gera a solidão.

Após a apresentação panorâmica do indivíduo e suas dificuldades, passemos à abordagem sobre a comunidade: uma leitura crítica à cultura em que o

<sup>5</sup> Não podemos deixar de pensar nos influenciadores, os Coultis.

<sup>6</sup> A distinção entre o indivíduo de *Jure* e o de *Facto* é um termo que Bauman utiliza para dizer da “liberdade negativa legalmente imposta e ausente-ou, pelo menos, longe de universalmente disponível – liberdade positiva, isto é, a genuína potência da autoafirmação” (BAUMAN, 2001, p. 65).

<sup>7</sup> Minimalismo é um termo muito utilizado nos nossos tempos atuais para designar a redução de nossas escolhas. Sm. 1. Artista Plástico. Corrente surgida por volta de 1965, e que visa a reduzir a pintura e a escultura às mais simples formas. Minimalismo. In: Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. Ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 507.

indivíduo se encontra inserido. Buscaremos entender como se dá o comportamento perante o Estado, diante do que ele oferece ao indivíduo no âmbito do espaço de bem-estar.

O nosso filósofo aborda a comunidade na perspectiva da criação de 'nicho', quer dizer, do fechamento das comunidades em si mesmas. Esta criação é excludente. Daí o incremento da insegurança, a individualidade exacerbada, porque não existem mais espaços públicos (nota Bauman). Existem os shoppings, as praças e os cinemas; todavia, as pessoas não se interagem. Cada grupo vai com seus amigos (ou cada um vai só) e todos juntos, em pequenos guetos, exercem individualmente uma atividade. Raramente existe uma real interação. Prevalece muito esta reunião de individualidade. Decorre dela a inexistência de espaços públicos relevantes: somente existe reunião do ponto de vista da individualidade. Neste sentido, visibilizamos cada vez mais o fechamento das comunidades em si mesmas, colocando o muro que as aparta dos demais indivíduos e os deixa do lado de fora. Isso nosso autor exemplifica através dos grandes condomínios que, segundo ele, com seus muros enormes, procuram por lazer, segurança, tudo de que as pessoas precisam pra não saírem daquele espaço onde se encontram confinadas. A sensação é que estes grupos se apartam do restante, gerando na uma sociedade xenófoba e estrangeirista na relação de quem está do lado de dentro com quem está do lado de fora: uma realidade cada vez mais presente em nossa sociedade. Os estrangeiros – os que estão do lado de fora – são considerados como vagabundos, desprovidos de qualquer benesse societária, excluídos do consumo; e os grupos de condôminos – os que estão do lado de dentro – são os turistas, aqueles socialmente beneficiados pela vida de consumo.

Para entendermos a sociedade do consumo, retomemos, mais uma vez, as variações reformulativas que Bauman faz do *cogito* cartesiano. Em Descartes temos uma condição de possibilidade de existência no pensamento: eu existo enquanto penso, enquanto possuidor de uma consciência crítica. Na modernidade o 'eu' passou a existir apenas quando ocupava um lugar e deixava de pensar para ocupá-lo. Portanto, "ocupo espaço, logo existo". Numa sociedade líquida, fica claro como eu ocupo este lugar: ocupo-o consumindo. Enquanto consumimos, existimos. Então, "consumo, logo existo". Se eu não me torno aparentemente um consumista, se não me deixo ser consumido pela aparente influência capitalista, eu não existo. Daí o consumo desenfreado em nossa sociedade líquida. Temos os hábitos consumistas

tão enraizados que não nos incomodam gastar, comprar... O ato de consumir gera em nós um prazer, uma satisfação, uma vez que o consumo é uma condição *sine qua non* da nossa existência na modernidade líquida. O não consumo torna nossa existência insegura. Não é mais o 'ser' o paradigma de existência e, sim, o 'ter'; não é mais o 'saber' que dá fundamento à experiência existencial, mas a 'informação' que visa a venda de uma aparência: "a compulsão transformada em vício de comprar é uma luta morro acima, contra a incerteza aguda e irrelevante e encontra em sentimento de insegurança" (BAUMAN, 2001, p. 95).

Nós compramos na tentativa de nos desvencilharmos da agonia das escolhas, a qual permeia nossa vida e nossa busca. Por tentarmos fugir desta angústia adotamos atos compulsivos, dentre os quais o de comprar. Este ato é fantástico numa sociedade líquida! Afinal de contas, vivemos num sistema capitalista, que incessante e compulsoriamente nos alimenta de desejos consumistas..

Bauman remete-se a todo tempo à recreação dos desejos. Em nossa era líquida, alguns produtos, principalmente os eletrônicos, estão programados para certo tempo de uso; depois deste, dará problema e não mais funcionará. Parece, de antemão, algo já programado, determinado para nos aguçar ao consumo e ao nosso objeto de desejo. Este mecanicismo capitalista trata a sociedade como consumidora dos seus produtos, sejam eles materiais ou imateriais, e nos conduz ao consumo desenfreado.

Nosso sociólogo polonês analisa as relações existentes, quer no âmbito familiar, quer no da amizade. Os laços existentes entre as pessoas (laços de amor) estão cada vez mais fluídos em comparação com os da modernidade sólida. Hoje é muito mais fácil fazer e desfazer amizades, casamentos: com apenas um clique eles são desfeitos. Para Bauman, laços e parcerias são vistos e tratados como coisas destinadas ao consumo e não para serem produzidas (BAUMAN, 2001, p. 187)<sup>8</sup>.

No mundo do trabalho, diferentemente da modernidade pesada, já não existe mais aquele projeto claro de carreira profissional. Na modernidade sólida, era muito comum pessoas trabalharem numa determinada empresa e se aposentarem nela; começavam como estagiários, ou em um cargo de piso, e planejavam a sua permanência nela por toda a vida. O plano era viver dentro das empresas. A vida

---

<sup>8</sup> Por exemplo, começar um relacionamento já pensando em separação é algo inerente à modernidade líquida.



confundia-se muito com a estrutura do trabalho, diferentemente dos tempos hodiernos líquidos, nos quais os empregos mudam muito rápido. Não há planejamento laborial para ficar por um longo período no mesmo trabalho. Existe o anseio por novas experiências, por um constante aprendizado. Hoje, um curriculum é recheado de pequenas e curtas experiências, que valorizam o indivíduo no mundo mercado, cujas versáteis e pequenas vivências denotam a liquidez da sua carreira profissional. É assim que nos readaptamos, sempre nos reinventando em diferentes mercados, com pessoas diversas, fazendo e desfazendo laços: menos tempo, menos laços criados, porém, mais fácil sairmos deles. Tal flexibilidade no mundo da liquidez laborial (exigida de nós e nos imposta) é fonte de angústia, de transformações trabalhistas no que tange aos direitos, às normas, aos princípios regulamentadores da relação entre empregador e empregado, sempre por via de elaboração contratual sob uma menor durabilidade de tempo.

Ainda em relação ao mundo laboral de uma sociedade líquida, deparamo-nos com uma espécie de ‘uberização’<sup>9</sup> do trabalho. Isto implica, por seu turno, no embate de uma tentativa de conciliação de toda a dinâmica moral desse tipo de sociedade com a possibilidade de o indivíduo ter sucesso na carreira profissional, pois o trabalho faz parte de sua realização pessoal. Então, como encontrar realização pessoal sem um projeto futuro num vasto mercado de incertezas?

---

<sup>9</sup> Cf. ‘Uberização’ e a relação de emprego. Disponível em: [otempo.com.br/opinioao/artigos/uberizacao-e-a-relacao-de-emprego-1.2402238](https://otempo.com.br/opinioao/artigos/uberizacao-e-a-relacao-de-emprego-1.2402238). Acesso em: 27 out. 2020.

### 3 PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS DO CONHECIMENTO

Após a apresentarmos o conceito baumaniano acerca da modernidade sólida, cuja característica se pauta pela ideia de durabilidade do conhecimento, neste capítulo trataremos da modernidade líquida, a qual se apropria de um novo conceito: a manipulação da informação. Para tal, algumas perguntas se fazem necessárias: como se dá o conhecimento na modernidade líquida? Como se dá a relação do ser humano com o conhecimento?

Para uma análise da relação do ser humano com o conhecimento, nosso ponto de partida é a constatação de que somos seres pensantes. Mais ainda: não só apenas pensamos como questionamos o nosso pensar. Pensamos e sabemos que pensamos. À medida que nos desenvolvemos e ampliamos as nossas qualidades cognitivas, estas nos permitem estabelecer uma relação entre nossa capacidade de pensar e a nossa condição de pensantes, levando em consideração a realidade na qual estamos inseridos.

Da correlação de nossa capacidade indagativa de pensar com a nossa condição enquanto inseridos numa determinada realidade, surgem perguntas básicas: De onde viemos? Para onde vamos? Por que existimos? O que é a vida? Estas interrogações permeiam nossa história, regem nossa existência e indelevelmente influenciam nossa capacidade de conhecer. E a incessante busca pelo conhecimento nos coloca na condição de que somos incompletos no mundo em que habitamos. Por isso, sempre estamos a procura de um lugar, como se fôssemos eternos peregrinos. Esta condição de peregrinantes nos desperta para os atos de pensar e questionar, os quais constituem a base do conhecimento.

Conhecemos à medida que pensando nossa condição humano-existencial fadada ao sucesso e ao fracasso. Assim, questionados por nossa incompletude, buscamos construir caminhos e saídas para nossa adaptação ao nosso habitat, buscando nele fincar nossas raízes. Enquanto nosso habitat nos parece estranho, nós nos damos conta de que somos muito frágeis e vulneráveis; enquanto os animais são dotados de mecanismos biológicos e instintivos que os permitem habitar plenamente seus lugares de seres vivos, nós, na condição de *Homo Sapiens*, temos que construir o que conhecemos, o que nos cerca etc., em vista da nossa sobrevivência em meio às imensas selvas de pedra carregadas com todo seu aparato tecnológico.

No que diz respeito ao questionar, ele nos faz desenvolver habilidades que nos diferem dos outros seres vivos, tais como as técnico-científicas. Fazendo uma correlação das habilidades de animais diversos com as do ser humano, percebemos que, com o advento das grandes conquistas industriais, científicas, o ser humano criou condições de possibilidade de enxergar com mais precisão que a coruja, de andar mais rápido que o leopardo, de voar mais alto que um pássaro etc.. Cada vez mais, ele se dispõe a uma profunda interação com o mundo na perspectiva de desenvolver o conhecimento. Portanto, este nasce da experiência cotidiana do ser humano no mundo que o cerca (ZILLES, 2005, p. 17), possibilitando-lhe o lugar único entre todos os seres.

Tratando-se da relação humana com o conhecimento, valemo-nos da epistemologia. Como disciplina filosófica, ela nos ajuda a traçar um método, como caminho de racionalidade, que se propõe a compreender o processo do conhecimento e, ao mesmo tempo, a descrevê-lo lógica e organizadamente.

Através da Filosofia, buscamos entender mais profundamente as questões no seu âmago, porque ela nos faz buscar a essência, o fundamento de todas as coisas de todas as perguntas. E o conhecimento não fica de fora deste âmbito. Daí as perguntas: como de fato pode o ser humano obter o conhecimento? Qual certeza tem disso? A teoria filosófica ocupa-se integralmente do conhecimento humano e o analisa como um todo, diferentemente de outras ciências, tais como: a psicologia<sup>10</sup>, a teoria do conhecimento<sup>11</sup> etc..

Portanto, para Urbano Zilles

O objeto da teoria filosófica do conhecimento é o fenômeno do conhecimento humano como todo. Por isso deve colocar questões fundamentais, como essência e a possibilidade do conhecimento. Para responder a essas questões, desde os antigos gregos, a primeira tarefa é distinguir conhecimento e opinião (ZILLES, 2005, p. 20).

De acordo com nosso autor polonês, o conhecimento na modernidade sólida dá-se linearmente. Isto não quer dizer que não aconteciam mudanças, avanços, desenvolvimentos, reviravoltas; entretanto, o conhecimento obtido naquele contexto era para toda uma vida. A formação tinha uma qualidade tal que, através do seu aprendizado e apreendimento, o sujeito era capaz de desenvolver um raciocínio próprio, solucionar questões e apontar caminhos para melhorar ainda mais o

---

<sup>10</sup> A psicologia não se ocupa de uma visão integral, mas específica e/ou especializada do conhecimento. Ela parte do pressuposto de que cabe à filosofia investigá-lo.

<sup>11</sup> A Teoria do Conhecimento se ocupa da essência e não da aplicação do conhecimento.

arcabouço do conhecimento humano. Em contraposição, o que voga na modernidade líquida é a opinião; aí a formação é por etapas, fragmentada, necessita de uma preparação técnica. Neste sentido, não passamos de aprendizes para o mercado de trabalho; sequer somos instruídos e capacitados em vista do desenvolvimento de um raciocínio crítico. Somos objetivados por informações diretas, lights, que possibilitem mecanicamente nossa inserção nesse mercado<sup>12</sup>.

Posto isto, é mister que tracemos uma espécie de linha histórica da epistemologia, na tentativa de desenhar um caminho em acordo com o que dispusemos anteriormente.

Na antiguidade, surgiu Platão com sua alegoria ou o mito da caverna. Segundo ele, o único conhecimento válido é o que obtemos racionalmente. Ao contrário, obtido pelos sentidos do nosso corpo, tal conhecimento é enganador.

Aristóteles complexifica um pouco mais a teoria platônica do conhecimento. Ele afirma que temos diferentes níveis de conhecimento: alguns ligados ao racional abstrato; outros, ao empírico, isto é, ligados ao conhecimento prático, sensorial.

Na modernidade surge o racionalismo. Representado por René Descartes, ele é caracterizado pela dúvida hiperbólica e por uma postura cética. Também podemos citar Leibniz, que defende o conhecimento como resultado puramente oriundo das estruturas racionais.

Na antiguidade os teóricos, os filósofos, buscaram entender qual a possibilidade de um conhecimento verdadeiro. Tanto Platão como Aristóteles buscaram saber como que o ser humano podia obter o conhecimento verdadeiro. Já na modernidade, a tentativa foi outra: como é possível o ser humano obter o conhecimento? E o que o faz compreender o mundo? Os racionalistas apresentaram a tese de um conhecimento que seja da estirpe estrutural ou lógico-racional do pensamento. Segundo Descartes, a dúvida é positiva na aquisição de conhecimento. Portanto, certeza e dúvida encontram-se correlacionadas (Zilles, 2005, p. 25).

Na contra mão dos racionalistas surgem os empiristas (Hume, John Locke etc.). Estes concebem a possibilidade do conhecimento só pela via da experiência prática, ou seja, através dos sentidos do nosso corpo (visão, audição, tato, olfato, paladar...). Para eles, somente através da experiência prática que conhecemos o

---

<sup>12</sup> Vejamos: os cursos técnicos de informática tratam de um problema técnico; já um curso superior de sistema de informação, num sentido filosófico, proporciona conhecer sua essência, o que lhe possibilita a resolução de possíveis problemas integrados à desenvolvimento do conhecimento coletivo.

mundo. São tão radicais quanto os racionalistas ao reconhecerem apenas um meio pelo qual podemos nos apropriar do conhecimento verdadeiro.

Na busca por um caminho intermediário, surge Immanuel Kant. Através do criticismo, ele estabelece um ponto de convergência entre o empirismo e o racionalismo. Segundo ele, as duas vertentes possuem qualidades e limitações; e cada uma delas carrega consigo uma parcela de verdade.

No séc. XX, aparecem dois pensadores das linhas epistemológica e metodológicas: Karl Popper e Thomas Kuhn. O primeiro justifica as ciências pela teoria. Para ele, teoria é a capacidade de um cientista codificar matematicamente uma experiência, após passar por um método. Só assim a teoria consegue alcançar vários elementos do mundo. Já Thomas Kuhn apresenta, com sua teoria epistemológica, uma noção de paradigma: aquilo que, em um determinado momento e/ou contexto científico, consegue ser denominado conhecimento. Entretanto, a condição de paradigma pode ser substituída, ou seja, um paradigma do conhecimento, que faz sentido no agora, no futuro poderá ser substituído por outro, depois que a ciência solucionar os problemas que o constituíam.

Em suma, após percorrermos um árduo caminho reflexivo, a pergunta persiste: como obter o conhecimento<sup>13</sup> verdadeiro na modernidade líquida? Mas para isso, é indispensável antes, percebemos as quantas anda a estrutura do ser humano, já que, Bauman realiza uma leitura também a partir de um ponto de vista antropológico da maneira como o homem estabelece seus laços, ou seja, não é possível construir um sistema de educação sólida se os vínculos no organismo cultural estão liquefeitos e cada vez mais voltados ao consumo, ao descarte, a rapidez.

---

<sup>13</sup> No “Educação 360”, no dia 11 de setembro de 2015, ocorrido no Rio de Janeiro, Bauman salientou a existência de uma comodificação do conhecimento. Colocaram-lhe uma etiqueta de preço e o submeteram à lógica e às regras de mercado. É uma espécie de *commodity*. Para ter acesso a uma faculdade, a um ensino de qualidade, tem que pagar um alto preço. O conhecimento não pode ser comercializado como uma mercadoria de prateleira, a qual adquirimos, usamos e descartamos. A palestra está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I-RUE60EwMs..>

(O “Educação 360”, iniciativa dos jornais O Globo e Extra, é uma plataforma em prol da qualidade da Educação brasileira. Além de reunir grandes pensadores nacionais e internacionais, também apresenta uma importante diversidade de olhares sobre o tema, dando voz a alunos, professores, familiares e à sociedade, compartilhando e divulgando propostas inovadoras e bem-sucedidas em várias partes do Brasil e do mundo. Disponível em: <https://www.educacao360.com/>).

### 3.1 A SEDUTORA LEVEZA DO SER: QUEM É O SER HUMANO MODERNO?

Refletiremos agora sobre questão do sujeito face às incertezas e à liquidez, ou seja, perguntaremos sobre a constituição moderna do sujeito na era líquida, segundo Bauman, e relacionaremos sua constituição com a construção do conhecimento e das estruturas educacionais.

O modo como a Filosofia compreende o ser humano não é cristalizado. Apesar das constantes e profundas metamorfoses humanas, ela é desafiada a responder que é o ser humano. Assim sendo, estudá-lo antropologicamente supõe encarnar-se em cada época e se dispor a ampliar o entendimento sobre o ser humano e sua constituição, sem subterfúgio às mudanças conceituais acerca dele. Neste sentido, a leitura baumaniana do sujeito moderno articula-se com os conceitos de liberdade, dominação, tempo e espaço.

O modo como o sujeito é determinado em cada momento epocal produz também o estilo como ele se relaciona com o conhecimento. Por ex., na era medieval, e sob a égide da religião, o sujeito se permitia conhecer apenas sob os limites estabelecidos pela igreja e se contentava com respostas dogmáticas da fé cristã católica. Já o prisma da modernidade é outro: sua grande descoberta é que o sujeito é um ser pensante, capaz de colocar em questão a arte do conhecimento. Habitado por uma racionalidade e constituído por uma subjetividade própria, ele é influenciado na sua forma de ver o mundo e de se relacionar com ele. Eis giro antropocêntrico dado pelo sujeito moderno, o qual rompe com o teocentrismo medieval e se coloca como centro de todas as coisas. Não é mais o sujeito moderno que gira em torno do objeto dado ao conhecimento, entretanto é este que gravita em torno daquele. Através da sua racionalidade, o sujeito tem o domínio sobre o mundo inteiro. E os limites outrora estabelecidos foram rompidos pela sua racionalidade crítica. Perguntemo-nos: a que estatuto de ser o sujeito moderno será elevado? Como se dará sua organização interna e social a partir desta nova compreensão de si e do mundo?

Os filósofos Kant e Russel explicitam o sujeito da modernidade como que emancipado pela razão, ou seja, eles pensam sua constituição pelo viés da racionalidade enquanto caminho de emancipação. Assim sendo, o sujeito moderno é constituído por uma nova relação com razão, a liberdade e a sociedade. Então, como construir o conhecimento num tempo de profunda emancipação subjetiva?

Segundo Bauman, o projeto de emancipação subjetiva do sujeito moderno foi frustrado por acontecimentos que marcaram o séc. XX: as guerras mundiais, o nazifascismo, a guerra fria e a vitória do capitalismo liberal no mundo. Tais eventos não só provocaram mudanças no cenário político-econômico como também no caráter da própria vida e da construção de um Ethos moderno. Isto veio a impactar diretamente a constituição do sujeito moderno e da compreensão de si, sob sua fácil capacidade de transformação e adaptação.

Tratando-se do sujeito moderno sob o prisma baumaniano, nosso autor lhe atribui três características: instantaneidade, volatilidade e flexibilidade. O sujeito é momentâneo enquanto busca inconsequentemente o prazer e a satisfação. Ele relaciona o sujeito à questão do tempo como um agregado de momentos: teria o sujeito o tempo enquanto valor, depois de matar o espaço, cometer suicídio? Não teria sido o espaço apenas a primeira baixa na corrida do tempo para a autoaniquilação? (Bauman, 2001, p. 150).

Apesar de toda a aparente instantaneidade, volatilidade, flexibilidade, o sociólogo polonês afirma que o sujeito ainda não atingiu seu ápice de liquefação. Mesmo com toda tecnologia mais avançada e “armada de processadores cada vez mais poderosos, ainda tem muito caminho pela frente” até atingirmos a “genuína instantaneidade” (BAUMAN, 2001, p. 151). Para ele, a modernidade líquida ainda não se realizou por completo. N’outras palavras, a modernidade ainda não foi superada.

Ainda que num espaço aparentemente liquefeito, há uma condição de possibilidades de um conhecimento sólido. Por mais que estejamos liquefazendo os sólidos, no entanto não somos seres genuinamente instantâneos. E por não sermos assim, encontramos uma condição de possibilidade que nos permite construir um caminho de solidificação das estruturas do saber.

A ideia de leveza e flexibilidade fez com que o indivíduo se imaginasse livre. Contudo, que liberdade seria essa? Livre, em que sentido? Para a modernidade líquida, a liberdade está relacionada ao poder de dominação e à submissão. Portanto, em sua flexibilidade, instantaneidade e volatilidade, o sujeito moderno relaciona-se com a liberdade através da dominação e da submissão. Nesta perspectiva, o que caracteriza um sujeito livre é justamente o seu status de dominação social. Ora, o sujeito da modernidade imagina-se livre por se pensar detentor de um poder sobre o outro. Entretanto, sem se dar conta de que isto é

devido a sua necessidade de satisfação, ele busca satisfazer seus desejos, a todo custo, sem medir as consequências disso, gastando o menor tempo possível, mesmo que isto custe a liberdade do outro.

Ao mesmo tempo em que liberdade dos dominadores é a causa principal da falta de liberdade dos submissos, esta é o significado último daquela (Bauman, 2001, p. 151-152). Portanto, o capitalismo é possuidor da liberdade dos dominadores, uma vez que oferece ao sujeito uma liberdade opressora, conotando-lhe uma falsa liberdade. Com isso, o trabalho sem corpo da era do software não mais amarra o capital. Ao contrário, permite-lhe ser extraterritorial, volátil e inconstante. A descorporificação daquele anuncia a ausência de peso desse (Bauman, 2001, p. 154).

Quando o trabalho é descorporeificado, é tirado dele o que lhe é mais característico como manual, sólido, pertencente ao ser humano. Consequentemente, todo o peso daquilo que é humano é transferido para o capital. Portanto, não é o ser humano que tem peso no trabalho e, sim, o capital. Não importa se “a leveza” laboral é atribuída ao ser humano ou à máquina. Aí está em jogo o peso do capital. O ser humano moderno é simplesmente aquele que se permite ser dividido socialmente pela leveza dele.

Quanto ao conhecimento, nosso sociólogo afirma que a “escolha racional” na era da instantaneidade traduz a busca pela gratificação. Portanto, são evitadas as consequências, e, particularmente, as responsabilidades que elas podem implicar ao ser humano moderno (Bauman, 2001, p. 162). N’outras palavras, o sujeito racional da modernidade líquida não está preocupado com as consequências do conhecimento. Ele quer a instantaneidade e a gratificação que o conhecimento lhe vai gerar. Não lhe interessa um conhecimento duradouro, mas sim um que responda ao seu querer imediato. Assim sendo, o sujeito racional da modernidade não irá frequentar uma biblioteca, já que possui instrumentalização de informações rápidas ao seu alcance. Importa-lhe o agora, a obtenção de respostas imediatas que lhe digam de praticidade e velocidade, e não de um conhecimento duradouro para o amanhã, que seja constituído de solidez e eficácia: “a durabilidade perde sua atração e passa de um recurso a um risco” (BAUMAN, 2001, p. 159).

O conhecimento como uma construção a longo prazo torna-se um “hábito vazio, uma concha sem significado; se o infinito, como o tempo, é instantâneo, para ser usado no ato e descartado imediatamente” (BAUMAN, 2001, p. 158).



Segundo a perspectiva baumaniana da modernidade líquida, a durabilidade do conhecer do hoje é substituída pela manipulação da informação, isto é, o sujeito moderno não passa de um indivíduo que apenas se informa e é bombardeado de informações. Mais ainda: é lamentável a realidade do sujeito moderno que não mais conhece e vive sedento de sabedoria.

### 3.2 O CONHECIMENTO NA MODERNIDADE LÍQUIDA

Depois de aproximarmos o pensamento baumaniano do mundo da educação, objetivando o aprofundamento do ensino e da aprendizagem na modernidade líquida e suas implicações no conhecimento; depois de conceituarmos a modernidade líquida e suas implicações tangíveis ao sujeito e ao conhecimento, podemos nos perguntar: o que afeta diretamente a estrutura do conhecer do ser humano?

Partindo da estrutura educacional do Brasil, suas condições, a situação do conhecimento, a realidade do sistema educacional e maneira como são pensadas as estruturas formativas, focaremos o estudo das estruturas, dos conteúdos simbólicos e ideológicos que sustentam nosso modo de ser e pensar.

Voltando-nos ao pensamento de Bauman, nosso autor não faz uma crítica ao campo específico da cultura; muito menos a alguma estrutura inata. Na verdade, ele oferece condição de possibilidade para que as estruturas e/ou os métodos do sistema educacional sejam possíveis. Sua crítica é direcionada àquilo que gera o método e a estrutura: a sociedade do consumo. Dominada pela ideologia do sistema capitalista, fortemente ela liquefaz os bens afetivos, morais, culturais, sociais e políticos.

Ao tratar das implicações da modernidade líquida no conhecimento, Bauman é ciente de que a educação e o sistema educacional foram atingidos em cheio pela lógica capitalista e seu processo de liquefação. Neste sentido, o sistema educacional concebe uma educação como se fôssemos máquinas de Xerox, isto é, apenas copiamos e não desenvolvemos habilidades criativas condizentes com a construção de um conhecimento profundo, sólido e crítico. Ao contrário, a educação de caráter capitalista apenas nos oferece informações rápidas e absorvidas num curto espaço de tempo. Além disso ela visa prestar vestibulares e inserir o indivíduo no mercado de trabalho.

Na sociedade hodierna os cursos técnicos são formações mais rápidas: cursos de preparação para o mercado de trabalho. Isto é mais interessante e vantajoso para o capitalismo, pois, quanto mais rápido se formar tecnicamente, maior o número de trabalhadores disponíveis para o mercado, maiores ainda serão o consumo e o lucro. Assim sendo, a sociedade capitalista estabeleceu um projeto de objetificação do ensino, transformando-o num objeto de consumo. Portanto, o conhecimento não é mais visto como oportunidade de emancipação e produção acadêmica qualitativa, pensada, transmitida. Ele funciona somente como meio para alcançar o lucro.

O modo do consumo social tem seu reflexo na educação. Destarte, Bauman propõe um despertar a consciência do sujeito frente ao sistema que disfarçadamente o rege e influencia todas as áreas socioculturais. Ele se dá conta de que a correlação dos vínculos com a cultura de consumo influi diretamente em outros campos da cultura, tais como, no nosso caso, na educação e na produção do conhecimento. No entanto, não é possível construir um sistema de educação sólida se os vínculos do organismo cultural estão liquefeitos, isto é, cada vez mais centrados no consumo, no descarte e na rapidez.

Entendendo que a educação reflete a interação do sujeito consigo mesmo e com a cultura, Bauman realiza um importante processo de humanização educacional e de produção de conhecimento. Ele estabelece uma conexão de como o sujeito produz conhecimento ao produto de sua época, sob a égide de um trabalho sociocultural cômico e responsável.

Nosso sociólogo intui que um processo de humanização exige que o sujeito inter-relacione o sistema educacional aos seus arranjos socioculturais. Assim sendo, ele pensa uma desobjetificação do conhecimento, ou seja, este não pode mais ser usado em vista de perversamente obter lucro. Então, quanto mais objetificado o conhecimento, mais terá que cumprir o papel indicado pelo sistema capitalista. Portanto, o anestesiamiento da consciência crítica deixa o campo livre para o sistema capitalista continuar atuando descaradamente imperceptível.

No fundo, facilmente criamos hábitos não saudáveis, tornando-nos habituados ao desengajamento e ao esquecimento; criamos hábitos que nos distanciam do conhecimento sólido, de uma vivência criativa e crítica. Segundo Bauman (2013), “estamos diante de um mundo fluido e liquidificado, o qual supõe que devemos evitar a transformação das coisas em hábitos” (FURLAN; MAIO, 2015

p. 285). Portanto, estamos habituados a receber informações caducas, que não nos tornam capazes de desenvolver opiniões sólidas e dialéticas. Aceitamos as coisas muito facilmente; queremos tudo muito fácil; não somos capazes de suportar as dificuldades e receber alguns “nãos”, pois estes nos desestabilizam e nos deprimem.

A constatação supracitada foi motivo para que nosso autor formulasse uma outra expressão inovadora e interessante, a qual é um retrato fiel do que vivemos no sistema educacional. Ei-la: “NI-NI”, quer dizer nem emprego nem educação.

O consumismo de hoje consiste em acumular objetos, com descartabilidade total. Sendo assim, por que o ‘pacote de conhecimentos’ adquiridos na universidade seria diferente? Portanto, como qualquer produto nas prateleiras à venda, a educação também passa a ser um ‘produto’, mas não um ‘produto’ feito para ser apropriado e conservado, como se acreditava no auge da Modernidade Sólida, e sim consumido e descartado, à medida das necessidades que o mercado impõe, e essas relações com a educação não depõem a favor da educação institucionalizada, nos moldes atuais (FURLAN; MAIO, 2015 p. 287).

Em suma, a educação inserida no contexto da modernidade líquida segue o modelo do mercado. A “antiga sabedoria perdeu seu valor pragmático” e, de fato, as pessoas não mais se ocupam com a aprendizagem. Então, é possível obter um conhecimento sólido em meio às estruturas capitalistas e liquefeitas? Em tempos de liquefação societária, como estabelecermos um sólido e coerente processo de construção comunitária do conhecimento?

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o recurso a Bauman, não deveríamos nos perguntar sobre o melhor uso das teorias pedagógicas, mas sim o que podemos aprender e fazer a partir de um exame cuidadoso dessa epistemologia da prática profissional.  
Almeida, Gomes e Bracht.

A exaustiva e instigante reflexão deste trabalho monográfico tem como pano de fundo uma crítica ao sistema capitalista que rege nossa sociedade atual. Para tanto, escolhemos um caminho analítico da educação e da produção de conhecimento. Valemo-nos do pensamento de Bauman, pelo qual ele nos apresenta o funcionamento do sistema capitalista e suas implicações na cultura, com ênfase na educação; fizemos uma correlação entre capitalismo e educação, constatando a defasagem estrutural do sistema educacional hodierno.

Além do mais, comprovamos que o capitalismo não passa de uma camada de areia que deteriora paulatinamente as diferentes peças da complexa engrenagem da sociedade de nossos dias. Em outras palavras, a nossa consciência foi por ele anestesiada de tal modo que nos habituamos, até mesmo despercebidamente, aos seus malefícios cotidianos.

Para desenvolvermos nossa pesquisa, apropriamo-nos do pensamento do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, tendo-o como referência para compreendermos a educação em nossa atual sociedade, já que fazemos parte de uma sociedade global que tem o capitalismo como sistema regente e controlador de todas as ações mundiais.

Para chegarmos ao ponto fulcral de nossa pesquisa, destrinçamos o conceito de modernidade (etimologia, contexto e implicações societárias), passando pelos seus principais pensadores e contextualizando as implicações de seus pensamentos na sociedade. Assim chegamos ao pensamento do nosso autor principal, apropriando-nos da metáfora da “liquidez” e de sua implicação na sociedade hodierna.

Na perspectiva do pensamento de Bauman, refletimos sobre sujeito moderno na sua correlação com a liberdade, o domínio, o tempo e o espaço, características inerentes ao sujeito moderno. Isto nos serviu de trampolim para uma abordagem mais global acerca do conhecimento (etimologia, pressupostos filosóficos, como é adquirido, questões tocantes no que rege a vida e nossa diferença em comparação com outros seres vivos etc.) até Bauman. Assim

chegamos ao ponto nevrálgico da nossa pesquisa: o conhecimento na modernidade líquida. A partir de então, e sob a perspectiva do pensamento baumaniano, buscamos compreender como que este conhecimento respinga no sujeito e na educação de um mundo em crises e sob a égide do atual sistema econômico capitalista que favorece a classe dominante e oprime os menos favorecidos.

Feito um percurso laborioso, conseguimos vislumbrar a condição de possibilidade para obter um conhecimento sólido, ao alcance de todos, valendo-nos da Filosofia como condição *sine qua non* para um pensar crítico e criativo. Com isso, nossa intenção é despertar o discente para buscar uma boa formação humana, a fim de que o conhecimento por ela obtido o impulse ao pensar, ao questionar a si mesmo e as diversas situações da vida, de maneira a não se submeter à estagnação, à apatia e a alienação próprias de uma sociedade líquida<sup>14</sup>.

Neste sentido, entendemos que também as instituições educacionais precisam ser revitalizadas. Seus os muros e grades mais parecem um presídio que de fato uma instituição<sup>15</sup> educacional geradora de conhecimento e aprendizagem.

Nesta mesma perspectiva, entretanto, por um ângulo diferente, pensemos na metodologia do ensino remoto, tão presente em nossos tempos atuais, em decorrência da pandemia avassaladora da Covid-19. Reclusos em casa, perguntemo-nos: o que metodologicamente estamos aprendendo e apreendendo com as aulas on-line? De fato estamos assimilando os conteúdos que nos são transmitidos, sobretudo quando entramos numa determinada plataforma e

---

<sup>14</sup> Através de um estágio de docência realizado numa determinada instituição educacional, percebi o quanto os discentes modernos vivem uma liquidez sem tamanho. De fato são impassíveis ao conhecimento; preferem fazer suas pesquisas pelo Google, valendo-se de seus *smartphones*, a consultar os livros propostos pela instituição educacional. A opção deles é por informações fragmentadas, que ficam nas salas de aula e não são levadas para a vida. Não que as tecnologias eletrônicas sejam ruins, ou precisássemos descartá-las. A questão é como utilizar equilibradamente os recursos tecnológicos em função da aquisição de um conhecimento sólido, consistente, que despertem os alunos para o senso crítico e a criatividade benfazeja, não se prendendo a informações caducas, incoerentes, inconsistentes e que não apresentam a realidade da vida tal como ela é.

<sup>15</sup> Tomando a liberdade de pensarmos em instituições pela vertente consumista, analisemos os *Shoppings Centers*: são como que cidades invertidas e construídas pelo sistema capitalista de consumo exacerbado; são locais de grande entretenimento, de satisfação e prazer pessoais, de “iniciação” ao consumo, onde somos “imersos” em todos aparatos de que necessitamos para participarmos plenamente da “salvação” oferecida pelo capitalismo selvagem e desumano; são espaços em que raramente presenciamos latrocínio; geralmente são lugares onde circulam pessoas bem vestidas; aí não existe maltrapilhos. E para nos sentirmos próximos uns dos outros, somente nos compactuando com o consumo. Em síntese, os shoppings centers são ambientes que nos fazem perder a noção do mundo real do lado de fora. E como este tipo de ambiente atrai um jovem e/ou uma criança! Aí, como consumistas, encontram satisfação, prazer, diversão, sensação de liberdade... a paz, porque aí não precisam escutar o que não querem, vivem sem “chancelas” familiares nem reprovações de uma sociedade opressora.

desligamos a câmera e o microfone? As avaliações on line expressam o que realmente estudamos e apreendemos, ou simplesmente são depositárias do “CTRL C”, “CTRL V” do Google? A qualidade da internet permite que participemos ativamente das aulas?

Ao questionarmos o processo de aprendizagem on line dos tempos atuais com as interrogações supracitadas, duvidamos da qualidade do conhecimento transmitido pelos docentes e assimilado pelos discentes. Nesta qualidade respingarão gotículas de uma sociedade utilitarista, líquida e capitalista, isto é, os alunos de instituições públicas serão menos favorecidos que os de instituições particulares. Os que fizerem o Enem serão prejudicados etc..

Por fim, e como provocação, não está na hora de atinarmos para novas metodologias de aprendizagem, que favoreçam a solidez de um conhecimento duradouro para o bem do indivíduo e de toda a sociedade? Não desejamos repetir uma sociedade sólida nem líquida: desejamos que o ensino, pelo viés da Filosofia coloque os alunos no centro das atividades escolares; que aguçe neles a construção de um conhecimento mais profundo e equitativo, fundado na crítica e na criatividade; e que os capacite conscientemente para o exercício do cuidado para com a vida e com a dignidade do ser humano, na perspectiva de uma nova sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. (Orgs.) **Bauman & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FURLAN, Cássia Cristina; MAIO, Eliane Rose. **Educação na Modernidade Líquida :Entre Tensões e Desafios**. Mediações, Londrina, V.21, P. 278-302, JUL/DEZ.2016.

TEXEIRA, Evilázio. **Aventura pós-moderna e sua sombra**. São Paulo: Paulus, 2005.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento e teoria da ciência**. São Paulo: Paulus, 2005.